Artigo original
https://doi.org/10.54260/eb.v37i144.453
ESTUDOS BÍBLICOS

Fugir da Terra ou salvá-la?

Noé, Moisés e os projetos dos ultra-ricos

Run away from Earth or save it?
Noah, Moses and the projects of the ultra-rich

Ildo Perondi* e Fabrizio Zandonadi Catenassi**

* Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Urbaniana. Professor de Sagradas Escrituras no Programa de Pós-Graduação em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, Brasil.
ildo.perondi@pucpr.br

** Doutor em Teologia e Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Professor na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Londrina, Brasil.
fabriziocatenassi@gmail.com

Recebido em: 05/12/2021
Aprovado em: 21/12/2021

Licença *Creative Commons* CC BY 4.0

Resumo

O presente artigo busca analisar a figura de Noé no episódio da arca (Gn 6,5–9,17) a partir de interpretações judaicas, e a de Moisés ao interceder no relato do bezerro de ouro (Ex 32,1-14), fundamentando a discussão sobre os projetos pessoais de salvação conduzidos atualmente pelos ultra-ricos de hoje. Segundo linhas judaicas, Noé, caladamente, procurou salvar a si e a sua família, enquanto Moisés discutiu, argumentou e buscou a salvação de todo o povo que estava liderando. Os ultra-ricos de hoje seguem a proposta de Noé: pouco lhes interessa a situação da maioria da população e da Mãe Terra. Seguindo o exemplo de Moisés, poderíamos nos salvar e salvar o Planeta de uma catástrofe, caso os enormes recursos econômicos e tecnológicos utilizados na avançada interplanetária e nos instrumentos de proteção do "evento" fossem aplicados para o cuidado do Planeta Terra.

Palavras-chave: Noé. Moisés. Planeta Terra. Ultra-ricos. Catástrofe.

Abstract

This article seeks to analyze the image of Noah in the episode of the ark (Gn 6,5–9,17) from Jewish interpretations, and the one of Moses interceding of Moses in the account of the golden calf (Ex 32,1-14), giving the basis for the discussion about personal salvation projects carried out today by ultra-rich. Jewish approaches indicates that Noah silently sought to save himself and his family, while Moses discussed, argued, and sought the salvation of all the people he was leading. The ultra-rich of today follow Noah's proposal: they are not interested in the situation of most of the population and of the Mother Earth. Following the example of Moses, we could save ourselves and save the Planet from a catastrophe, if the enormous economic and technological resources used in the interplanetary advance and in the instruments to protect the "event" were applied to the care of Planet Earth.

Keywords: Noah. Moses. Planet Earth. Ultra-rich. Catastrophe.

abib
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica

1 Introdução

Os ultra-ricos do planeta Terra estão se preparando para uma situação catastrófica que eles chamam de "evento" e para isso têm gastado fortunas para buscar sua sobrevivência através da construção de *bunkers* ou estações com o seu próprio sistema subterrâneo de abrigo. Outros projetos planejam construir cidades habitáveis em lugares fora da Terra. A tentativa é salvar-se a si mesmo, preservando um pequeno grupo de sobreviventes, os quais, por sua vez, não estão se importando com o destino do restante da humanidade. O "evento" é o eufemismo que usam para o desastre ambiental, a agitação social, a explosão nuclear, vírus incontroláveis ou os *hackers-robôs* que destroem tudo. Neste projeto estão as pessoas mais ricas e influentes no mundo, como Elon Musk, Jeff Bezos, Bill Gates, Peter Thiel, Mark Zuckerberg...

Provocados por essa realidade, propomos uma reflexão a partir de duas figuras carismáticas bíblicas e que, em tempos e situações diferentes, se defrontaram diante de Deus com uma séria ameaça: o fim de um projeto. Ensinamentos judaicos mostram que ambos tiveram duas reações muito diferentes[1] nas narrativas bíblicas: (a) *Noé* diante de uma ameaça de destruição total, obedeceu caladamente às ordens divinas no contexto de destruição (Gn 6,5–9,17). Colocou-se a serviço com a finalidade de construção da arca que salvaria sua pele e de sua família, formada por oito pessoas. Diante da ameaça divina Noé não questionou, obedeceu cegamente; (b) *Moisés* também esteve diante da ameaça da parte de Deus de destruir todo o povo (Ex 32,1-14). Contudo, diferente de Noé, comportou-se como um líder que defende o povo: implorou, sofreu, discutiu, questionou, negociou e ofereceu alternativas que foram aceitas pelo próprio Deus. Com isso, salvou todo o povo e alimentou a utopia em vista de um horizonte de esperança.

Sendo assim, o presente artigo busca analisar a figura de Noé no episódio da arca (Gn 6,5–9,17) a partir de interpretações judaicas[2], e a de Moisés ao interceder no relato do bezerro de ouro (Ex 32,1-14), fundamentando a discussão sobre os projetos pessoais de salvação conduzidos atualmente pelos ultra-ricos de hoje.

2 Noé e o Dilúvio (Gn 6,5–9,17)

Os textos de Gn 6,5–9,17, relatam a situação de caos em que a criação se encontrava e sua destruição por um dilúvio enviado por Deus, do qual um gérmen se salva, protegido

[1] Evidentemente, as interpretações sobre os personagens são múltiplas e refletem pontos de vista dos mais diversos. Na edição da Torá coordenada por J. Fridlin (2001, p. 17), indica-se essa polivalência quanto a Noé: "Como não conseguiu convencer os demais, alguns sábios dizem que Noé era 'um homem justo' apenas naquela geração, mas não o seria na geração de Abraão. Outos alegam o contrário: se foi justo naquela, seria ainda mais em outra". Desenvolveremos essa ideia adiante.

[2] Somos perfeitamente conscientes das dificuldades redacionais com as quais o exegeta se depara na análise da história de Noé. Respeitando o foco deste estudo, não conduzimos aqui uma análise histórico-crítica dos relatos, mas desenvolvemos nossa reflexão a partir da abordagem com recurso às tradições judaicas de interpretação, como proposto pela Pontifícia Comissão Bíblica (1993). Ainda que a abordagem judaica medieval, amplamente utilizada neste estudo, não discuta a historicidade do relato, nossa leitura não é "historicizante", e sim, focada em um dos impactos narrativos possíveis do personagem Noé. Certamente, a leitura judaica no espírito das técnicas midráshicas infere elementos para além do significado imediato do texto bíblico.

por uma arca comandada por Noé. Deus aparece com traços antropomórficos, amargurado e desgostoso pela corrupção da criação, abandonada à maldade e violência (Gn 6,5.11). Noé havia encontrado graça aos olhos do Senhor, pois era um homem justo, íntegro entre os seus companheiros, e andava com Deus (Gn 6,8-9). Sendo assim, Deus lhe propôs que construísse uma arca para que pudesse se salvar juntamente com sua esposa, seus três filhos e respectivas esposas e toda a criação (Gn 6,18-19; 7,2).

Na tradição bíblica judaica, Noé é considerado como aquele pequeno rebento que sobrevive depois da catástrofe "graças a ele ficou um resto na terra, quando houve o dilúvio" (Eclo 44,17). A imagem bíblica de Noé segue bem os passos dos heróis das narrativas de dilúvio mesopotâmicas, exceto por seu lugar privilegiado: Noé é descrito como um personagem isolado da maldade do mundo e Deus dialoga com ele em um ambiente de intimidade, o que justifica que somente ele e sua família se salvem. Nas histórias diluvianas da Mesopotâmia, também se salvam os construtores e o capitão da arca, bem como parentes e amigos do herói (SARNA, 1989, p. 49). A partir desse e de outros elementos descritos a seguir, a tradição bíblica e judaica questionam o valor paradigmático dado a Moisés por certas leituras.

Apesar de toda a benevolência divina com Noé, a humanidade que surgiu depois do dilúvio continuou sujeita a novas quedas, cujo exemplo é o próprio Noé. Ele plantou sua vinha e acabou se embriagando com o vinho produzido, deitado e nu diante da própria tenda (Gn 9,20-21). Também seu filho Cam tornou-se praticante de péssimos costumes com relação ao próprio pai e foi amaldiçoado junto com Canaã, tornando-se símbolo dos cultos considerados depravados (Gn 9,22-25).

Uma linha do judaísmo, refletindo sobre este episódio, deduz que Noé plantou a sua vinha e ficou embriagado ao consumir o vinho[3]. Seus filhos Sem e Jafé foram abençoados porque cobriram a nudez de seu pai, enquanto Cam foi amaldiçoado por tirar proveito da sua degradação. Há algumas opiniões sobre o significado do filho ver a nudez de seu pai: (a) Cam apenas viu Noé nu, interpretando literalmente o texto; (b) Noé foi sodomizado, a nudez seria um eufemismo de natureza sexual, como é utilizado em ouras passagens da Escritura para indicar um ato sexual (p. ex., Lv 18,11); (c) Noé foi castrado por Cam possivelmente para que não tivesse mais descendentes, como sustentam Rashbam, Ralbag e Sforno, de forma que seu filho pudesse se beneficiar da sua herança (para "ver a nudez" associado ao fim da posteridade, 1Sm 20,30); (d) Cam teria tido uma relação sexual com a mulher de Noé, portanto não teria sido Noé e sim sua mulher que teria sofrido abusos sexuais. A base para isso é que a Torá associa tomar a mulher de alguém como descobrir a nudez do homem (Dt 27,20).

Outras tradições judaicas são também bastante críticas quanto às ações de Noé. O Talmude, entre outras possibilidades, indica que o Rabi Yohanan (*Sanhedrin* 108a) interpretava Gn 6,9 na perspectiva de que Noé não teria sido um homem justo em outra geração (HUBNER, 2012), já que o texto que diz que ele era íntegro "entre seus contemporâneos".

[3] O judaísmo utiliza o episódio para uma crítica à embriaguez na *Midrash Tanchumá* (Noé 13), como defende Fridlin (2001, p. 23): "Quando Noé plantou a vinha, o Satã quis associar-se a esse trabalho e Noé consentiu. O astuto demônio trouxe um cordeiro, um leão, um porco e um macaco, imolou-os e regou com o sangue a terra da planta. O caráter dos animais sacrificados não tardou a manifestar-se em Noé e em seus descendentes depois de ingerir a bebida. Bebendo um copo, o homem é manso como um cordeiro; no segundo copo, crê-se forte como leão, declarando que não há igual a ele no mundo; após o terceiro copo, deita-se como o porco; e, continuando a beber, não tarda a praticar insanidades e palhaçadas como símio".

Em seu comentário sobre Gênesis, Rashi (*apud* LEVY; LEVY, 2017, p. 6) também registrou posturas contrastantes em relação ao personagem, testemunhando leituras rabínicas que o consideravam sem nenhuma importância se tivesse vivido nos tempos de Abraão.

Na visão mística do *Zohar* (MATT, 2004), há um desequilíbrio entre a moralidade de Abraão e Moisés, por um lado, e Noé, por outro, em relação às propostas de destruição da humanidade por parte de Deus. O texto ressalta o caráter intercessor dos dois primeiros personagens em contraste com a atitude de Noé, que não teria defendido sua geração ou orado por ela. Sensível a essas realidades morais, a partir dos midrashes, a tradição judaica narra Noé tentando levar seus contemporâneos ao arrependimento (SARNA, 1989, p. 50).

Seguindo o contexto da cabala judaica, o *Zohar* convida os leitores a compararem Noé a Moisés e narra que, quando Moisés recebeu de Deus a notícia que iria consumir a terra com sua ira (Ex 32,10), assim respondeu: "Devo eu abandonar a causa de Israel simplesmente para minha própria vantagem? Agora, todos os habitantes do mundo irão reclamar que eu matei Israel, como fez Noé" (MATT, 2004, p. 250, tradução nossa). Em seguida, o texto faz um grande elogio à intercessão mosaica feita de maneira apaixonada, desinteressada e altruísta. A condenação a Noé é intensa: diante da ameaça de destruição, o *Zohar* afirma que ele não agiu e quis salvar somente a si mesmo, abandonando os demais; embora virtuoso, sua dignidade não teria sido suficiente para que o mundo fosse protegido por sua causa (MATT, 2004, p. 251). Dentre as adições da *Zohar* (*Hashmatot, Bereshit* 254b), encontramos uma história em formato de midrashe que situa Moisés chorando ao ver o mundo destruído e cobrando compaixão da parte de Deus. A resposta de Deus é vigorosa, chamando Noé de um "pastor tolo" e questionando por que não levantou sua súplica antes, nos constantes diálogos travados, que eram, na verdade, atrasos da sua ira condenatória.

3 Moisés e o bezerro de ouro (Ex 32,1-14)

Moisés é o protagonista humano principal do Êxodo ao Deuteronômio – quase todo o Pentateuco. Ele foi o líder encarregado por Deus para conduzir o processo de libertação do povo da escravidão do Egito. A narrativa bíblica conta que no Monte Sinai Moisés se encontrou com Deus, que lhe apareceu numa teofania, doou a Lei e estabeleceu a sua aliança. No entanto, nesse ínterim, o povo rompeu a aliança e passou a adorar um bezerro de ouro como um próprio Deus, sob a liderança de Aarão (Ex 32,1-6).

Essa ação representava um ataque contra a aliança que estava sendo firmada e uma profunda incompreensão do projeto libertador divino, com consequências diretas para Moisés. O povo se revoltou contra seu líder, atribuindo a ele (e não mais a Deus) a autoria de um projeto fracassado: "Porque a esse Moisés, a esse homem que nos fez subir da terra do Egito, não sabemos o que lhe aconteceu" (Ex 32,1). Deus também imputou a Moisés a propriedade do povo: "este *teu* povo que fizeste sair da terra do Egito" (Ex 32,7, grifo nosso). Com isso, produziu-se uma crise que acabou invertendo os papéis: a libertação do povo da escravidão do Egito não era mais considerada uma autoria de Deus, mas de Moisés, tanto pela boca do povo como da parte de Deus.

Diante disso, Deus prometeu exterminar o povo no deserto, com a tentadora proposta de iniciar uma nova geração a partir de Moisés: "Agora, pois deixa-me, para que acenda contra eles a minha ira e eu os consuma; e farei de ti uma grande nação" (Ex 32,10). Segundo Dozeman (2009, p. 706), assim como Deus destruiu o povo com o dilúvio, agora pede para que Moisés o deixe (*hannîḥâ*) construir a partir do líder um povo novo, usando

um termo que lembra o nome de Noé (*nōaḥ*, "descansar"). Entretanto, diferente de Noé, Moisés reagiu diante de Deus: clamou, intercedeu, mostrou-se solidário ao povo e identificado com ele. O texto bíblico havia mostrado o personagem como limitado no falar (Ex 4,10), frágil, necessitando de ajuda para cumprir sua missão (Ex 4,13-17; Ex 17,9. 12; 18,1-27; 24,1). Contudo, diante da iminente destruição dos israelitas, coloca-se como escudo, argumentando eficazmente com Deus em favor de todos, e não de si mesmo.

Ele recordou que não tirou o povo do Egito, mas sim o próprio Deus: "Por que, ó Senhor, se acende a tua ira contra o *teu* povo que fizeste sair do Egito com grande poder e mão forte?" (Ex 32,11, grifo nosso). Com o aniquilamento dos israelitas, Deus colocaria em jogo a sua credibilidade como Deus Libertador diante dos adversários (Ex 32,12). Além do mais, Moisés lembrou o Senhor que Ele havia feito a promessa sob juramento aos pais (Abraão, Isaac e Jacó) de dar a terra prometida aos seus descendentes (Ex 32,13). Catenassi (2016, p. 24) indica que essa fraseologia demonstra a relação inseparável entre a promessa e os israelitas: eles não podem ser destruídos porque são continuidade dos patriarcas, primeiros testemunhos das promessas (Ex 32,13). "Em última instância, o próprio Moisés identifica-se com o povo e usa esse argumento como atenuador da ira divina (Ex 32,32)" (CATENASSI, 2016, p. 24).

Diante desta súplica e intercessão de Moisés, Deus abandonou seu plano de exterminar todos (Ex 32,14). Por causa da sua fidelidade, Moisés encontrou graça diante do Senhor e suplicou: "Se encontrei graça aos teus olhos, mostra-me o caminho, e que eu te conheça e encontre graças aos teus olhos, e considera que esta nação é o teu povo (Ex 33,13). O Senhor então se comprometeu a estar junto e caminhar com o povo: "Eu mesmo irei e te darei descanso" (Ex 33,14) e fez a Moisés duas promessas: "Farei passar diante de ti toda a minha beleza e diante de ti pronunciarei o meu nome YHWH" (Ex 33,19) (PERONDI, 2019). Essas promessas se realizarão logo em seguida (Ex 33,20-23; 34,6).

4 O plano dos ultra-ricos

A interpretação judaica sobre Noé, um personagem que busca salvação somente para si e sua família, pode ser bem aplicada aos esforços dos ultra-ricos de hoje para se proteger da catástrofe da terra (chamada de "evento"). Douglas Rushkoff (2018) informa que uma elite ínfima – porém poderosa ao extremo – crê que o planeta Terra se tornou inviável e quer isolar-se após o "evento". Isso revela algo importante sobre a grande crise humanitária em que a atual civilização está mergulhada. Os ultra-ricos que buscam soluções para salvar-se e escapar do apocalipse que pode chegar em breve representam menos de 1% da população mundial. Rushkoff nos faz pensar nos tipos de atitudes que este pequeno grupo terá em favor de si mesmo. Os ultra-ricos imaginam realizar seu projeto, salvando-se somente eles, mesmo que o restante da população pereça totalmente.

O "evento" pode surgir diante do perigo de catástrofes por causa das mudanças climáticas, aumento do nível do mar, migrações em massa, pandemias globais, pânico e esgotamento de recursos. Essa minoria que se julga um grupo privilegiado está se preparando para uma época marcada pelo futuro digital em que se busca isolar diante do perigo hoje real. Em decorrência disso, sua aposta está no futuro da tecnologia com um objetivo claro: poder escapar da ameaça que ronda a vida humana na face da terra.

O projeto dos ultra-ricos é a construção de *bunkers* com muito bem-estar, onde haverá muito conforto, como: piscinas, jardins subterrâneos, entre outros benefícios. Alguns depósitos serão de aço, resistentes a terremotos e com capacidade de armazenar alimentos

por um ano para cada residente. A construção destes refúgios aumentou 700% nos últimos anos, espaços de luxo, alguns chamados de *bunkers* comunitários, verdadeiras fortalezas onde será possível compartilhar a vida comunitária entre os bilionários que podem ser proprietários, fugitivos desta civilização prestes a se acabar (ASSIM..., 2019). Estes *bunkers* são chamados de *Designer Arks*, com finalidades semelhantes à Arca de Noé, que podem suprir às necessidades dos bilionários. Em certas regiões, *bunkers militares* que foram construídos em tempos da Guerra Fria agora estão sendo adaptados, equipados com alta tecnologia e comodidades com academias, *spas*, telas (ASSIM..., 2019).

Outros projetos que estão recebendo grandes recursos são aqueles ligados à exploração do espaço com a tentativa de construção de cidades habitáveis na Lua, Marte e outros planetas. Discute-se como deverão ser estas cidades, sua estrutura, convivência e se devem ser administradas como democracias. Atualmente está bem avançado o projeto de viagens para fora da Terra; projetos de bilionários da tecnologia buscando como sobreviver em uma bolha em outro espaço fora da Terra.

Jeff Bezos, CEO da Amazon, acredita que a Terra está próxima a atingir um ponto de ruptura e, com isso, será impossível continuar crescendo e inovando aqui. Então a saída seria colonizar o espaço, habitar o Sistema Solar e desenvolver uma civilização espacial. Para atingir este objetivo sua intenção é colocar milhões de pessoas no espaço. Bezos acredita que é somente colonizando o espaço o que pode nos permitir continuar crescendo. É assim que os ultra-ricos imaginam colônias espaciais dentro de tubos cilíndricos flutuando entre a Terra e a Lua (O PLANO..., 2019).

5 Uma péssima notícia para o universo

Se fosse possível, seria interessante podermos avisar os astros do universo e suas possíveis populações de que algo perigoso está por acontecer. A exploração de outros corpos celestes fora da Terra por sondas é uma péssima notícia para satélites, planetas e outros astros do espaço. Eles devem se cuidar com algumas figuras provenientes do planeta Terra: irão são explorar seus recursos naturais, derrubar suas florestas, matar seus animais, aplicar o que já fazem aqui... Se pudéssemos, deveríamos avisar para que não permitam que cheguem até eles essa espécie; fazendo isso, não estariam pecando contra a hospitalidade.

O encontro entre civilizações seria ótimo se pudéssemos enviar daqui da Terra o que temos de melhor: as pessoas mais humanas, solidárias, fraternas... Poderíamos ter tanto a aprender e ensinar! No entanto, quem está à frente dessas explorações são o que temos de pior. Representam aquela parte da humanidade que explora os próprios semelhantes; pessoas e poderosos grupos econômicos que são responsáveis por sugar os recursos da mãe Terra sem piedade, unicamente com objetivo de obter lucros. São os representantes dos mesmos impérios que exploraram, fizeram guerras e saquearam os países pobres.

Deveríamos avisar nossos irmãos extraterrestres que o objetivo das "visitas" desses grupos terrestres é o mesmo que já fizeram aqui na Terra ao visitar territórios desconhecidos para eles: explorar, dominar, usufruir. Para isso, foram capazes de construir as mais terríveis armas de guerras, cujo potencial destruidor é capaz de acabar com o nosso planeta. E, no entanto, não se preocupam em investir para salvar a Terra dos males que eles mesmos causaram.

6 Um planeta doente

Estamos vivendo em um planeta ferido e doente. A responsabilidade é do ser humano pela maneira como trata a Mãe Terra. Uma das razões é a sagacidade com a qual o ser humano expropria os recursos naturais, com a pressuposição de que são infinitos e renováveis. No entanto, os recursos acabam, sim. A Mãe Terra é generosa e tenta repor os estragos feitos, porém, não com a mesma velocidade que marca o abuso voraz feito pela raça humana. Um exemplo é a quantidade de gases lançados na atmosfera, a qual não pode ser digerida pelo planeta, provocando sérias consequências climáticas. Como afirmou o Papa Francisco na *Laudato Si'* (n. 53): "nunca maltratamos e ferimos nossa Casa Comum como nos últimos dois séculos" (FRANCISCO, 2015, p. 37).

Cientistas continuam alertando que estamos próximos de uma eminente catástrofe. A cada ano constata-se o aumento da temperatura na Terra e este aquecimento global gera fenômenos não previsíveis, inundações, catástrofes, calamidades extremas. Tudo isso coloca incertezas sobre o futuro das nossas vidas e das futuras gerações. Mais do que "salvar o planeta", devemos pensar em primeiro lugar que é essencial dar condições para a vida h humana nele. O planeta tem mais de cinco bilhões de anos e já sobreviveu à queda de asteroides e outras mudanças climáticas. Além do mais, se a nossa espécie desaparecer, a Terra continuará sua trajetória, com certeza, mais saudável.

As reuniões e Conferências, como do G-20 e a COP-26, realizada em Glasgow na Escócia, assim como outros encontros sobre o meio ambiente e a crise climática, conseguem identificar a real e grave situação em que nos encontramos. É fácil detectar o problema e ver sua gravidade, mais difícil é tomar as providências urgentes que podem estancar esta situação e corrigir os erros passados? Não bastam belos discursos e boas intenções. São necessárias medidas drásticas que exigem grandes investimentos, enormes custos e fica sempre a pergunta: quem paga a conta? Os acordos internacionais se tornam difíceis de serem executados devido aos diversos interesses nacionais de cada país e dos grandes grupos econômicos que não abrem mão de seus lucros. Lamentavelmente, os países ricos são os que mais poluem, porém são os países e populações pobres os que são os mais atingidos e mais sofrem as consequências da catástrofe climática.

O mundo acompanhou com muita expectativa a COP-26, porém poucas foram as ações concretas aprovadas. Dom Ervin Kräutler (*apud* MODINO, 2021) comparou a Conferência com um grupo de cientistas, no formato de médicos especialistas, reunidos para debater os próximos passos para garantir a sobrevivência do planeta. O parecer final dessa "junta médica" é avassalador, porém, os responsáveis por toda essa desgraça, depois de dias de debate, dão recomendações paliativas e se despedem. O paciente continua, de bruços na UTI, entubado e não consegue mais oxigenar o sangue.

A voracidade com que se exploram os recursos do Planeta é tão devastadora que está sendo inaugurada uma nova era geológica: a do antropoceno (BOFF, 2021). Ou seja, quem está provocando a ameaça da vida e acelerando a sexta extinção em massa, que já está em marcha, é o próprio ser humano. Boff (2021) indica que a agressão é tão violenta que a cada ano mais de mil espécies de seres vivos desaparecem, inaugurando algo pior que o antropoceno, o necroceno: a era da produção em massa da morte. Como a Terra e a Humanidade estão interligadas, a produção de morte em massa acontece não só na natureza, mas no interior da própria humanidade. Milhões morrem de fome, de sede, pandemias, vítimas da violência bélica ou social em todas as partes do mundo. E, nós humanos, insensíveis, nada fazemos (BOFF, 2021).

A filósofa e ativista ambiental indiana Vandana Shiva alerta que essa ameaça à Terra não está apenas nas transformações causadas pelos gases geradores do efeito estufa na atmosfera, mas também na superfície, com o desaparecimento de espécies vegetais e animais essenciais para a cadeia alimentar. "Nós, humanos, nos tornamos monstros que utilizam agroquímicos. A sexta grande extinção é um produto direto da era industrial" (VANDANA, 2019). A extinção das abelhas em nível mundial, por exemplo, é um fato constatável e a causa deste desastre é atribuída ao uso indiscriminado de agrotóxicos.

O jornalista Leonardo Sakamoto (2021) denunciou que os fazendeiros e o agronegócio estão utilizando uma nova técnica para destruir mais rapidamente a floresta Amazônica, para cultivo de soja e pasto para o gado. Primeiro, lançam agrotóxicos que secam a mata e depois vem o fogo. Além do crime de destruir a floresta, nunca se saberá quantas espécies de seres vivos e microrganismos estão sendo eliminados. Entre os produtos utilizados está o agente laranja, o 2,4-D, e outros venenos que são proibidos em outros país. A ganância pelo lucro fácil torna esse tipo de atividade condenável, porém muitas vezes conta com a complacência de governos que desmontam os órgãos de fiscalização. Com razão, o Papa Francisco afirmou que "seremos julgados por nossa incapacidade de ser guardiões do mundo" (FRANCISCO, 2021).

As tecnologias ajudam a conhecer o quadro real da situação do clima na Terra e do próprio Planeta. Porém, é preciso também a sensibilidade, a escuta, o cuidado, e a relação com a Criação. Os povos indígenas e ancestrais podem nos ensinar neste sentido, como indica o Cacique Merong Mongoió (*apud* BAETA; MOREIRA, 2021) na retomada no vale do Córrego de Areias, Brumadinho: "Há sinais dos povos ancestrais, e que é preciso respeitar a memória que a Mãe Terra guardou para nos ensinar a respeitá-la e o bem viver comunitário. Importante retomar a vida e o respeito aos seres em sua plenitude". Na 75ª Assembleia Geral da ONU, o Papa Francisco (2020), assim se manifestou:

> Penso também na perigosa situação na Amazónia e nas suas populações indígenas. Isto lembra-nos que a crise ambiental está indissoluvelmente ligada a uma crise social e que o cuidado do meio ambiente requer uma abordagem abrangente para combater a pobreza e a exclusão.

É sempre importante recordar a exortação do Cacique Seattle, ainda em 1856: "De uma coisa sabemos: a Terra não pertence ao homem. É o homem que pertence à Terra. Todas as coisas estão interligadas como o sangue que une uma família; tudo está relacionado entre si. O que fere a Terra fere também os filhos e filhas da Terra".

7 Apontando saídas

Inspirados na imagem de Moisés, que busca a salvação para toda a humanidade e não valoriza projetos personalistas, apontamos pistas de ação em relação à problemática dos esforços conduzidos pelos ultra-ricos aos moldes da interpretação judaica sobre Noé. A fuga para outros planetas, como Marte, não é a solução para a humanidade sobreviver à sexta extinção provocada pela era industrial, afirma a ativista e ecologista indiana Vandana Shiva (2019):

> Os capitalistas propõem apenas duas opções: a extinção ou a fuga para Marte. Por isso, pessoas como Elon Musk e o proprietário da Amazon, Jeff Bezos, falam sobre isso. Fugir foi a opção que a Europa adotou quando estava perdida na pobreza e pela qual colonizou outros países. Fugir não é moral, não deveria ser nossa maneira de fazer as coisas.

Por mais que a solução da crise climática dependa de cada ser humano, não se pode crer que seja possível prever um mundo saudável sem a mudança drástica desse modelo capitalista predador, excludente e concentrador de lucro em poucas mãos. A humanidade precisa pensar um novo modelo político e econômico mais solidário e fraterno, além de superar a ideia do antropocentrismo. Terra, Humanidade e todas as criaturas fazem parte de um todo; como afirmou o Papa Francisco (LS 92): "tudo está interligado" (FRANCISCO, 2015, p. 59).

Diante da grave situação climática apontada, cientistas, ambientalistas e organizações ambientais indicam também algumas ações possíveis. A responsabilidade social diante da crise climática compete primeiramente aos governos e aos grandes grupos econômicos que são também os maiores causadores, mas é também responsabilidade de cada ser humano. Pequenas, mas importantes, iniciativas podem ser se tomadas por cada pessoa ou grupos sociais:

- Escolher produtos recicláveis ou reciclados utilizando menos embalagem;
- Reduzir o próprio consumo de água e de eletricidade;
- Reutilizar, reparar, reciclar e fazer compostagem;
- Escolher, se possível, fontes de energia renováveis;
- Utilizar, para os deslocamentos pessoais, os transportes coletivos, a bicicleta ou a caminhada.
- Evitar o consumo de espécies ameaçadas;
- Plantar árvores, cultivar jardins, proteger rios e nascentes de água.

Os estados e governos devem orientar-se em direção a uma economia mais sustentável. Exigem-se, portanto, ações mais equosolidárias, mas também escolhas drásticas, se necessário. Se escutássemos a voz da Mãe Terra, com certeza ela iria nos dizer e advertir: "parem de agredir todos os ecossistemas que me compõem; já não me concedem o tempo suficiente para repor o que me tiram durante um ano e de me regenerar". Como afirma Leonardo Boff (2021): "Como nunca antes na história, o destino comum está em nossas mãos: devemos escolher entre seguir a mesma rota que nos leva a um abismo ou mudar forçosamente e garantir um futuro para todos, mais frugal, mais solidário e mais cuidadoso para com a natureza".

A aplicação de recursos que atualmente estão sendo investidos na produção de armas e gastos militares poderia ser invertida para acabar com a fome no mundo e em projetos ambientais. É incrível como o *lobby* das armas atua no mundo; para produzi-las se usam as melhores tecnologias. Pensemos nas bombas nucleares, nos drones e robôs assassinos. Só o ser humano é capaz de criar e produzir instrumentos para matar os outros animais e para matar seus próprios irmãos!

A crise hídrica no mundo é preocupante e atinge também cada vez mais os países e populações mais pobres. Mais preocupante ainda são os projetos de privatização da água e a tendência é que as fontes de água estejam nas mãos de grandes grupos econômicos. Portanto, torna-se imperioso respeitar a água e garantir seu acesso a todos os povos, sobretudo aos mais pobres.

A proteção ambiental e o respeito pela biodiversidade do Planeta são questões que dizem respeito a todos nós. Não é possível pensar em pessoas saudáveis vivendo em um mundo doente. Natureza e a sociedade que a habita precisam estar em harmonia e não em guerra. A Mãe Terra não espera apenas boas intenções. Ela suplica uma atitude diferente em relação a ela, isto é, de respeito a seus ritmos e limites, de cuidado para a sua sustentabilidade. E de nós, humanos, o reconhecimento de que somos seus filhos e filhas. A Terra é uma mãe que sente, pensa, ama, venera e cuida. "Ela não precisa de nós. Nós

precisamos dela. Ela pode não nos querer mais sobre sua face. E continuará a girar pelo espaço sideral, mas sem nós, porque fomos ecocidas e genocidas" (BOFF, 2020).

8 Considerações finais

Dois modelos de líderes da Bíblia, Noé e Moisés, estiveram diante de situações críticas, com possibilidade de morte e fracasso dos projetos aos quais estavam à frente. Enquanto Noé, caladamente, procurou salvar a si mesmo e a sua família, Moisés discutiu, argumentou e buscou a salvação de todo o povo que estava liderando. Os dois modelos foram confrontados com o pequeno grupo dos ultra-ricos de hoje, diante da crise climática, humanitária e até com o risco de extinção da humanidade.

O grupo dos ultra-ricos está investindo muitos recursos buscando salvar-se a si mesmo, a exemplo de Noé. Pouco lhe interessa a situação da maioria da população e da Mãe Terra. Seguindo o exemplo de Moisés, poderíamos nos salvar e salvar o Planeta de uma catástrofe. Estes projetos envolvem enormes cifras. Caso todos os recursos econômicos e tecnológicos fossem aplicados para o cuidado do Planeta, a fim de conservar o que existe e recuperar o que foi danificado, seguramente não se devia temer o tal "evento". A sanha destes grupos em querer crescer e acumular sempre mais nos levou a esta crise.

Virão dias, e não será tão distante assim, em que as gerações futuras irão julgar a atual geração por seus crimes, sua ganância por lucro, pela falta de fraternidade com seus irmãos e a falta de respeito e cuidado com a Mãe Terra e todas as suas criaturas.

Referências

ASSIM o 1% se prepara para o apocalipse climático. *IHU,* São Leopoldo, 22 ago. 2019. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591892-assim-o-1-se-prepara-para-o-apocalipse-climatico. Acesso em 10 nov. 2019.

BAETA, Alenice; MOREIRA, Gilvander L. Retomada Indígena Kamakã Mongoió em Brumadinho, MG: obra do Grande Espírito. CPT/MG, 16 nov. 2021. Disponível em: http://www.cptmg.org.br/portal/retomada-indigena-kamaka-mongoio-em-brumadinho-mg-obra-do-grande-espirito/. Acesso em 16 nov. 2021.

BOFF, Leonardo. *Coronavírus:* uma represália de Gaia, da Mãe Terra? *IHU,* São Leopoldo, 12 mar. 2020. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597038-coronavirus-uma-represalia-de-gaia-da-mae-terra. Acesso em: 12 mar. 2020.

BOFF, Leonardo. *O pior ainda está por vir.* Disponível em: https://leonardoboff.org/2021/07/21/o-pior-esta-ainda-por-chegar/. Acesso em: 21 jul. 2021.

CACIQUE SEATTLE. *Discurso de Seattle, 1856.* Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/direitosdosanimais/files/2017/02/Discurso-de-Seattle.pdf?file=2017/02/Discurso-de-Seattle.pdf. Acesso em 1 nov. 2021.

CATENASSI, Fabrizio Z.A misericórdia em meio à violencia no Israel pós-exílico: Ex 32–34 à luz de Nm 13–14. *Estudos Bíblicos,* Petrópolis, v. 33, n. 130, p. 19-31, 2016. Disponível em: https://revista.abib.org.br/EB/article/view/127/130. Acesso em 1 nov. 2021.

DOZEMAN, Thomas B. *Commentary on Exodus.* Grand Rapids: William B. Eerdamns, 2009.

FRANCISCO. Carta do Papa Francisco aos Católicos da Escócia. *A Santa Sé,* Cidade do Vaticano, 9 nov. 2021. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2021/documents/20211109-lettera-cattolici-scozia.html. Acesso em 9 nov. 2021.

FRANCISCO. *Laudato Si'.* Louvado sejas: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015.

FRANCISCO. Mensagem em vídeo do Papa Francisco por ocasião da 75ª Assembleia Geral das Nações Unidas. A Santa Sé. Cidade do Vaticano, 25 set. 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco_20200925_videomessaggio-onu.html. Acesso em 1 nov. 2021.

FRIDLIN, Jairo (Coord.). *Torá:* a Lei de Moisés. São Paulo: Sêfer, 2001.

HUBNER, Manu M. Algumas questões éticas da Bíblia Hebraica. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG,* Belo Horizonte, v. 6, n. 10, p. 82–92, 2012. DOI: 10.17851/1982-3053.6.10.82-92. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/14128. Acesso em: 24 out. 2021.

LEVY; Steven; LEVY, Sarah. *The JPS Rashi Discussion Torah Commentary.* Philadelphia: University of Nebraska Press, 2017.

MATT, Daniel C. (Org.). *The Zohar:* Pritzker Edition. Stanford: Stanford University Press, 2004. v. 1.

MODINO, Luis M. Dom Erwin Kräutler: A COP26, uma junta médica debatendo o futuro do planeta que está na UTI. *Vatican News,* [*s. l.*] 2 dez. 2021 Disponível em: https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2021-12/dom-erwin-krautler-cop26-uma-junta-medica-debatendo-o-futuro.html. Acesso em: 2 dez. 2021.

O PLANO secreto que motiva Jeff Bezos a acumular riqueza. *IHU,* São Leopoldo, 16 out. 2019. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/593490-o-plano-secreto-que-motiva-jeff-bezos-a-acumular-riqueza. Acesso em: 2 nov. 2021.

PERONDI, Ildo. "Farei passar diante de ti toda a minha beleza!" (Ex 33,19a). *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 27, n. 101, p. 26-35, 2009.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja.* São Paulo: Paulinas, 1993.

RUSHKOFF, Douglas. Os ultra-ricos preparam um mundo pós-humano. *IHU,* São Leopoldo, 21 nov. 2018. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/584783-os-ultra-ricos-preparam-um-mundo-pos-humano. Acesso em 10 nov. 2021.

SAKAMOTO, Leonardo. Fazendeiros jogam agrotóxico sobre Amazônia para acelerar desmatamento. *UOL Notícias,* São Paulo, 18 nov. 2021. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2021/11/18/fazendeiros-jogam-agrotoxico-sobre-amazonia-para-acelerar-desmatamento.htm. Acesso em: 18 nov. 2021.

SARNA, Nahum M. *Genesis בראשית:* the traditional Hebrew text with the New JPS Translation. Philadelphia: The Jewish Publication Society, 1989.

VANDANA Shiva: Fugir para Marte não é uma opção para evitar a extinção. *IHU,* São Leopoldo, 10 dez. 2019. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/595019-vanda-shiva-fugir-para-marte-nao-e-uma-opcao-para-evitar-a-extincao. Acesso em: 2 nov. 2021.